

## CAMINHO DE CHIQUITOS ÀS MISSÕES GUARANÍS (1690 A 1718).

**Ensaio interpretativo (II).**

**(Continuação).**

### II

#### OS JESUÍTAS E O RESSURGIMENTO DA ROTA FLUVIAL DO PARAGUAI.

##### 1. Descrição da região de Chiquitos e Moxos.

As regiões de Chiquitos e Moxos estiveram sob a jurisdição da Audiência de Charcas e do vice-reino do Perú até a criação do vice-reino do Prata. Do ponto de vista religioso a primeira pertencia à província jesuítica do Paraguai enquanto que a segunda pertencia à província jesuítica do Perú.

A Bolívia comprehende 3 zonas definidas e perfeitamente diferenciadas: ao ocidente um altiplano de 3.500 a 4.000 metros de altitude em média cercado pelas cordilheiras andinas occidental e oriental e cortado por um sistema hidrográfico constituído por dois lagos interiores, unidos entre si por um rio, navegável em certa extensão.

Uma segunda região, formada por uma série de vales subtropicais dos rios que descem da cordilheira em direção ao oriente.

Uma terceira zona de planícies tropicais, denominada oriente, cortada por rios caudalosos que se dirigem para o norte, para a bacia do Amazonas ou para sudeste, em direção ao Paraguai.

As duas primeiras regiões, colonizadas a partir do vice-reino do Perú, se completam entre si e tiveram, desde o início da dominação espanhola, constante intercâmbio. No altiplano concentravam-se, sobretudo, as riquezas minerais, sendo

o clima frio e a flora e fauna pobres e escassas em recursos alimentícios, enquanto que os vales sub-andinos eram os grandes celeiros, abastecedores dos centros de mineração, dadas as condições favoráveis à agricultura aí existentes. Ao contrário, a região oriental, mais insalubre, desprovida de minas comparáveis às do altiplano, ocupada por tribos selvagens, dificilmente aproveitáveis como mão-de-obra pelo colonizador, ficou relativamente isolada. Como tivemos ocasião de salientar no capítulo anterior a colonização do atual Oriente Boliviano teve origem nas expedições enviadas de Assunção, primeiro, em demanda de minas, depois, em busca de um caminho para Potosí.

O Oriente Boliviano ficou, em grande parte, à margem da história colonial do Alto Perú que mantinha mais freqüentes comunicações com Tucumán e com as Províncias do Prata ou diretamente com o Pacífico, do que com essa longínqua região, subordinada, no entanto, à Audiência de Charcas. O próprio sistema hidrográfico do Oriente era contrário a uma comunicação com o Altiplano. Nessa região oriental tropical, seca no inverno, e extremamente úmida no verão, estavam situados Mojos e Chiquitos, futuras missões jesuíticas.

Ao sul, o Pilcomayo e o Vermelho, afluentes do Paraguai, ao norte, os afluentes do Beni e do Mamoré, a nordeste, o Guaporé, afluente do Mamoré, limitavam Apolobamba e Mojos, separados pelo Beni. No centro, as planícies de Chiquitos se estendiam pelo oriente até as nascentes do Paraguai e do Iténez e a serra de Mato Grosso.

A cidade de Santa Cruz de La Sierra, depois transferida para San Lorenzo de La Barranca, era o posto avançado da colonização espanhola nessa região. Essa cidade que, desligada de Assunção e portanto do Atlântico, ficara sem perspectivas de progresso, atendia ao propósito de defender os centros povoados da cordilheira e altiplano, das depredações dos bárbaros do Oriente.

O procurador geral da Companhia de Jesus da Província do Paraguai, Padre Francisco Burges, descreve a região de Chiquitos da seguinte maneira (29):

““Los Chiquitos así llamados por los Españoles del Paraguay, que los descubrieron, viven entre en Decimo sexto grado de latitud austral y el tropico de capricornio. Tienen al Poniente la ciudad de San Lorenzo, y la Provincia de Santa Cruz de La Sierra; y al Oriente se

(29). — Coleção Pedro de Angelis, doc. I, 29, 5, 92, Biblioteca Nacional, s. d., cópia, publicado em *Cartas Edificantes*, 1755, vol. VII, pág. 411.

extienden ciento y cincuenta leguas mas o menos hasta el Rio Paraguay. Tiene esta nacion por limite házia el Norte las Montañas de los Tapacuros, que la separan de los Moxos à Medio dia confina con la antigua ciudad de Santa Cruz. El Pais tiene como cien leguas de Norte à sud; Su terreno es montuoso”.

“Las lluvias, y los arroyos forman lagunas en que se hallan cocodrillos y otras especies de pescados. En la estacion de las lluvias se inunda todo el Pais, y cesa todo comercio entre los habitantes. Como en el invierno se cubre todo el Pais llano de malas yerbas, los indios cultivam las colinas, y por lo comum cogen mucho maiz, rai-ces de Iuca, Magnoc, con que hacen su cassave, que les sirve de Pan, patatas legumbres, y otras varias frutas”.

“Lo desreglado de los tiempos, y el excedebo calor del clima causan muchas enfermedades, y no pocas veces la peste, que llena el País de Mortandad”.

A província de Chiquitos estava separada das cidades do sul pela região do Chaco, difícil de transpor devido aos pântanos e às regiões secas em que o clima apresenta temperaturas extremamente variáveis, e por ser habitada por tribos guerreras, hostis aos espanhóis. O Chaco é uma planície situada entre o planalto do Mato Grosso e o Pampa Argentino. Ao norte é limitado pelo Maciço Brasileiro central e pelas serras de San José e San Carlos ao Sul de Chiquitos.

A tribo do Chaco que mais preocupou os espanhóis foi a dos chiriguanos que, por várias vêzes, pôs em perigo a colonização de Tucumán. As tribos da província de Chiquitos pertencem a vários grupos lingüísticos, e depois da influência jesuítica houve um processo de aculturação em que os missionários procuraram assimilar tribos do Chaco, impondo-lhes a língua chiquita. Os principais dialetos dessa língua eram o Tao, Piñoco, Manasi e Peñoqui.

O nome de chiquitos adveio da suposição de que se tratava de uma povoação de gente de pequena estatura, devido às entradas das habitações serem baixas, o que, na verdade destinava-se a evitar a invasão dos mosquitos (30).

As tribos dos chiquitos mais citadas pelos missionários são, entre outras, as dos arapeca, bazoroca, booca, boro, tabica (dialeto tao), guapaca, mataquica (piñoco), cucica manasí (manasí), e 'peñoqui (peñoqui). Mais tarde os jesuítas foram incorporando tribos da região norte do Chaco, como a dos zamucos, lule, vilela, guarañoca, tapii.

(30). — Padre Francisco Burges, *Cartas Edificantes*, 1755, Tomo VII, pág. 411.

Os moxos, vizinhos do norte dos chiquitos, falavam língua diferente dêstes.

A população da província dos chiquitos já praticava uma agricultura incipiente, paralelamente à caça e pesca, e por isso, puderam êsses nativos mais facilmente assimilar a cultura espanhola.

## 2. Início das Missões de Chiquitos.

O início das missões jesuíticas na região de Chiquitos envolveu um conflito de jurisdição entre a província jesuítica do Paraguai e a do Perú. Os jesuítas do Paraguai não mencionam as iniciativas dos missionários da província do Perú, enquanto que êstes reivindicam para si o direito de catequizar os chiquitos.

Um relatório sobre a missão dos moxos, remetido pelo Provincial do Perú, Padre Pedro de Eguiluz, ao Padre Geral da Companhia, datado de 1696 (31), conta que em 1674 se iniciou a fundação das primeiras missões de Moxos, depois de uma série de tentativas frustadas, e que os chiquitos, então, solicitaram padres, mostrando-se dispostos a aceitar a religião católica.

Foram enviados aos chiquitos, pelos jesuítas da província peruana de Moxos, o Padre Juan de Montenegro e, depois, o Padre Juan de Vargas, que estabeleceram uma missão na província de Puracis, vizinha a Chiquitos, e distando cinco dias de marcha a pé, de Santa Cruz. Comenta então que:

"Por esta espaciosa puerta que tienen nuestros misioneros en esta provincia de Chiquitos han querido entrar los Padres de la Santa provincia del Paraguay, y no habiendo reconocido resistencia en nosotros pusieron al P. Diego Centeno en uno de los pueblos de estos indios: y mirando todos à un mismo fin no se le ha querido embargar el fruto que puede hacér, aunque se hayan entrado en los términos desta nuestra provincia del Peru" (32).

Esta desistência da Província do Perú aos seus direitos sobre Chiquitos corresponde a uma divisão geográfica lógica, pois a região de Moxos está hidrogràficamente ligada à Ama-

---

(31). — Relatório publicado em Pablo Pastells, *Historia de la Compañía de Jesus*. 1923, Tomo IV, pág. 335 à pág. 344.

(32). — Relatório publicado em Pablo Pastells, *Historia de la Compañía de Jesus*. Tomo IV, pág. 335.

zônia enquanto que a de Chiquitos está subordinada à rede fluvial do Paraguai.

De início os chiquitos tinham vivido em paz com os espanhóis da primeira Santa Cruz, fundada por Nuflo de Chaves, porque os colonos espanhóis exigiam tributos leves, tais como

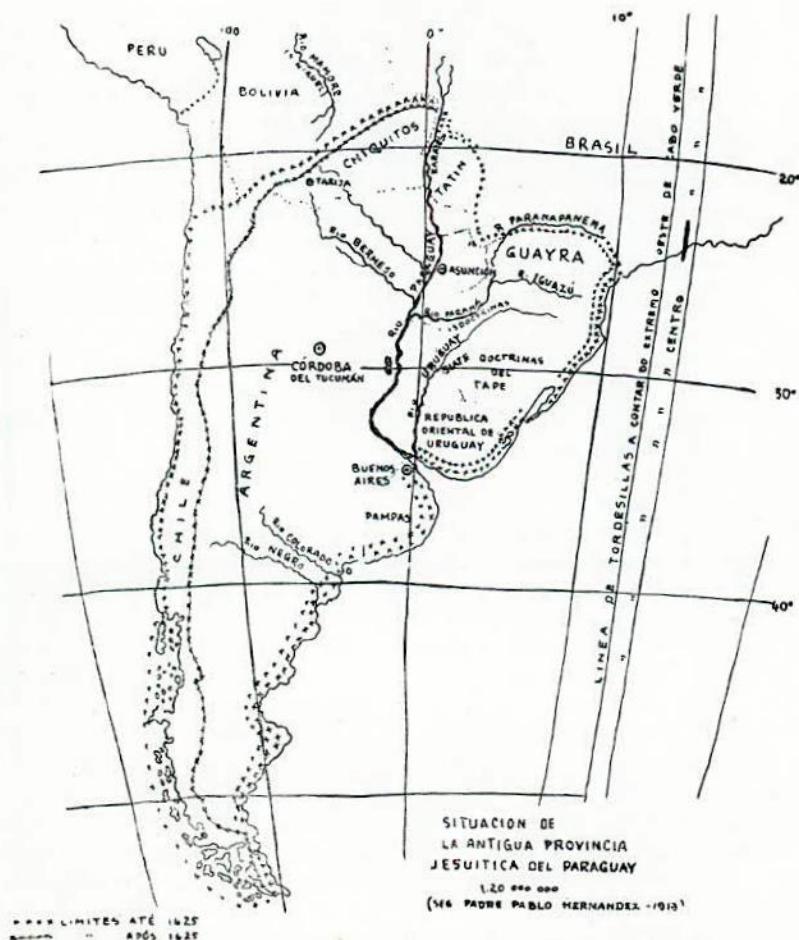


Fig. 1. — Situação da antiga província jesuítica do Paraguai.

alimentos e algodão. Quando os **encomenderos** começaram a forçar os indígenas a prestar tributo, sob forma de trabalho nas roças, os nativos se rebelaram. Pouco depois Santa Cruz foi transferida para um local 60 léguas mais distante e os chi-

chiquitos atacavam-na freqüentemente para roubar ferramentas, porém, em 1690, algumas tribos dos chiquitos pediram paz ao Governador de Santa Cruz, D. Agustín Arce de la Concha, e solicitaram missionários.

Essa mudança de atitude advinha dos ataques dos mame-lucos que preavam índios nessa região.

O Padre Burges, procurador das missões jesuíticas, num memorial ao rei (33) se refere a duas invasões de paulistas ocorridas nessa época, sendo que a segunda chegou ao rio Aperé ou de São Miguel, distante apenas 50 léguas de Santa Cruz.

Os chiquitos, entre dois fogos cruzados, de um lado os espanhóis, do outro os portuguêses, viam como único meio de sobrevivência, a proteção dos jesuítas.

A cidade de Tarija, fundada com o intuito de conter os índios chiriguanos do Chaco, desejava encetar por meio dos jesuítas a colonização desses indígenas.

O Colégio dos jesuítas fôra estabelecido nessa cidade visando, principalmente, alcançar êsse fim. Os padres Joseph Francisco de Arce e Juan Bautista Cea fizeram uma entrada no Chaco, seguindo a cordilheira dos chiriguanos até Santa Cruz de la Sierra a fim de estabelecer os primeiros contactos com êsse gentio. O Governador de Santa Cruz de la Sierra, Don Agustín Arce de la Concha, procura convencer o Padre Arce de que seria mais útil converter os chiquitos. Assinala que, além de servirem de barreira às invasões portuguêses, eram mais dóceis do que os chiriguanos, que compara a "perros". O padre Arce, alegando que não poderia tomar decisão sem consultar os superiores, regressa a Tarija onde chegou em fins de 1690, enquanto o Padre Cea tomou o caminho de la Plata para debater com o Arcebispo e o Presidente da Audiêncie, sobre a melhor maneira de converter os chiriguanos. O Padre Arce estava dedicando-se à catequese dos chiriguanos, tendo fundado uma redução próxima à Tarija, em Tariquea, quando recebeu incumbência do Padre Provincial Orozco para partir para Santa Cruz de la Sierra. O Padre Provincial recebera uma carta do governador dessa cidade insistindo sobre a urgência que havia de congregar os chiquitos em missões. O Provincial, que estava hesitante na decisão a tomar, por falta de missionários, deliberou mandar o Padre Arce para aquela cidade, logo que soube da chegada de 40 jesuítas a Buenos Aires. Resolveu que cinco dos recém-chegados jesuítas, acompanhados por dois missionários de Santa Cruz, par-

(33). — Pablo Pastells, *Historia de la Compañía de Jesus*, 1923. Tomo IV, pág. 446.

tissem diretamente de Buenos Aires, seguirsem o curso do Paraguai e se encontrassem com o Padre Arce em Chiquitos.

O Padre Arce, antes de ir para Santa Cruz de la Sierra, passa pela Presentación, Missão chiriguana, onde determina que o Padre Cea deveria segui-lo mais tarde. Logo após o Padre Arce inicia sua viagem para Santa Cruz cruzando por terra o Chaco. Chegando àquela cidade, já o governador Don Agustín de Arce de la Concha fôra substituído e encontra um ambiente hostil aos jesuítas, pois tinha-se formado em Santa Cruz uma companhia para vender escravos indígenas, capturados entre os chiquitos (34).

Nenhum obstáculo fêz esmorecer o Padre Arce no seu intento de chegar à terra dos chiquitos para daí ir às margens do Paraguai. Os colonos de Santa Cruz desaconselhavam-no de empreender a viagem, por ser época de chuvas (meados de novembro). Como estavam interessados em que as missões fracassassem, dificultavam a obtenção de víveres e guias, afirmando que ninguém conhecia o caminho até o rio Paraguai.

Apesar de todos êsses óbices o Padre Arce deixou o Padre Centeno em Santa Cruz, encarregando-o de providenciar os víveres, enquanto ele partia com o irmão coadjutor e guias e índios carregadores que, a muito custo, conseguira obter. Só alcançou o primeiro povoado dos chiquitos, a aldeia dos piñocas, em fins de 1692, segundo Charlevoix, e em fins de 1691, segundo cópia manuscrita de P. de Angelis do doc. I — 29,-5-88 (35). Os guias desertaram e o próprio irmão coadjutor resolreu regressar a Santa Cruz onde chegou 45 dias depois, quase morto de fome.

Era totalmente impossível prosseguir até a lagoa dos Xaraiés, formada pelo rio Paraguai, para aí si encontrar com os missionários vindos de Buenos Aires a Assunção e daí, aos chiquitos, por aquêle rio.

Não tinha víveres e a aldeia dos piñocas, assolada pela peste, não os poderia fornecer. Os guias e indígenas que trouxera de Santa Cruz tinham desertado. Foi portanto forçado a ficar entre os piñocas onde dá início à primeira missão dos chiqui-

---

(34). — Juan Patricio Fernandez, *Relacion Histórial de las misiones de los Indios que llaman Chiquitos*. 1726, pág. 59.

(35). — Charlevoix, *Historia del Paraguay*, 1913, vol. IV, pág. 173; e *Relacion breve del Estado em que se Halla la Mission de Chiquitos y su primer origen*. Coleção de manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 88. Biblioteca Nacional, s. d., incompleto, cópia de De Angelis).

tos. Esses fatos foram relatados pelo Padre Juan Patrício Fernandez num documento sobre a origem dos chiquitos (36).

### 3. O plano dos jesuítas de abrir um caminho pelo rio Paraguai unindo as Missões de Chiquitos às Missões Guaranis.

O plano do Padre Provincial e as idéias do Padre Arce sobre o estabelecimento de um caminho pelo Paraguai, ligando as Missões de Chiquitos com as Guaranis, revelam uma surpreendente compreensão da importância estratégica de Chiquitos e da significação desse caminho para a defesa das possessões espanholas, como também para a prosperidade de Assunção e Santa Cruz.

O plano dos jesuítas consubstanciava uma série de aspirações que vinham do século anterior. Os ataques dos portuguêses que chegaram, como vimos, até Santa Cruz de la Sierra, tinham patenteado o perigo iminente de que êsses inimigos da Espanha se apossassem da bacia do Paraguai, e, por meio dessa via fluvial e do caminho terrestre entre Santa Cruz e Potosí, suplantássem o comércio espanhol nesse mercado. Por outro lado, Assunção estava econômicamente sufocada, e ameaçada de cair na mão dos portuguêses. Chiquitos era um ponto estratégico, valioso, posto chave para o domínio da bacia do Paraguai e da comunicação de Mato Grosso com o Alto Perú e com o Amazonas. Tornava-se portanto necessário que Chiquitos tivesse comunicações com Assunção e as Missões Guaranis, que se estabelecesse comércio por essa via, que aparecessem povoações. Graças a esse comércio, ir-se-ia constituir uma barreira contra a penetração portuguêsa. A cópia manuscrita da Coleção Pedro de Angelis, intitulada **Relacion breve del estado en que se halla la Mission de los Chiquitos y su primer origen** (37), nos revela o pensamento esclarecido do Padre Arce e do Padre Provincial dos jesuítas do Paraguai sobre o assunto. O Padre Arce, segundo esse documento,

"Tenia orden de romper camino al Paraguay por uno de los dos ríos, Bermejo ó Pilcomayo que desembocan antes de las corrientes, en el Paraguay: y sintiendo no ser navegables tiro las líneas por tierra con el rumbo al Oriente"

(36). — Juan Patrício Fernandez, *Relacion Historial de las Missiones de los Indios que llaman Chiquitos del Paraguay*, 1726, pág. 149; e *Relacion breve del estado en que se Halla la Mission de Chiquitos y su primer origen*. Manuscrito da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis I, 29, 5, 88. Biblioteca Nacional, (s. d., incompleto, cópia de De Angelis).

(37). — Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis. Documento I, 29, 5, 88. Biblioteca Nacional, incompleto (cópia).

te hasta Santa Cruz; y de allí inclinando al sur por la nacion de los Chiquitos primer móvil de su empresa, llegaba á las tierras desiertas del Itatin, a quienes en tres golpes asolaron los de San Pablo años antes, entrando por el mismo río, como tambien los RR. PP. de las reducciones á recoger los despojos, con que enriquecieron de numerosas familias los pueblos, que se mantienen en la educación y costumbres que los demás. Pareciale que á tan repetidas entradas no podian faltar huellas, fuera de las que habrian dejado los primeros de Santa Cruz, que vinieron de la Assumpcion por el mismo rumbo”.

Mais adiante, salienta o documento a importância de reabrir o caminho de Nuflo de Chaves para facilitar a intercomunicação das missões e para o progresso de Assunção:

“Saliendo el P. Provincial de las reducciones del Paraguay, á cien leguas de río entraba en estas (missões); á cien leguas de tierra, á Santa Cruz: y á otras cien leguas, por la cordillera á tarijá...” “Añadia á esta (vantagem) la del comercio de aquellas provincias (do Paraguai), remoto hoy por mas de 700 leguas á Potosí y Chuquisaca, donde tienen las apelaciones y el consumo de la yerba (mate) con crecidos gastos; cuando por esta vía á cien leguas de río y dos cientos de tierra concluiran sus viages, entrando en Santa Cruz que con el comercio pasaria de la menor á una de las mayores ciudades del reino: cuyos habitadores, tan inmediatos, como interesados, cooperarian liberales á vencer qualquiera dificultad que se ofreciese, y á que al presente no se encontrase. A la del Puerto para asegurar el comercio, acudia con los dos pueblos de Itatines, que estan en las reducciones del Paraguay, los cuales, añadiendosele á la sugerencia que tienen á los PP. el natural amor á su patria, romperian facilmente por las incomodidades que tan larga peregrinacion les ofrecia...”.

Estavam compenetrados da importância estratégica de Chiquitos, situada no divisor das águas, região chave para a comunicação de Quito, Alto Perú e Paraguai, entre si e o Atlântico através das bacias do Amazonas e do Paraguai. Segundo o mesmo documento, tal comunicação se faria se os espanhóis

“acometiesen com empeño por las tres puertas que hoy tienen: por los Chiquitos á los Guarayos los del Paraguay; por los Moxos y Chiquitos los del Peru; y por el Marañon los de Quito donde desagua el Guapay”.

O Guapay ou Grande, um dos formadores do Mamoré, serviria de liame entre a bacia do Amazonas e Chiquitos e a bacia

do Paraguai entre Chiquitos e Assunção. No entanto, nem na própria Companhia de Jesus, nem em Assunção ou em Santa Cruz de la Sierra, o Padre Arce encontrou compreensão para os seus planos grandiosos. Pequenos interesses pessoais e locais e uma falta de amplitude de visão fizeram surgir os primeiros obstáculos.

Naturalmente, como em toda a grande empreza, havia dificuldades importantes a vencer, porém elas foram aumentadas por uma série de conveniências locais que analisaremos mais adiante.

Os moradores de Santa Cruz procuraram demover o Padre Arce do seu intento de estabelecer missões em Chiquitos, porque não queriam se ver privados da mão-de-obra indígena que aí costumavam obter. O Padre Pedro Lascamburú escreve, em 27 de junho de 1692, um verdadeiro requisitório contra o caminho projetado pelo Padre Arce, de Assunção a Chiquitos (altura de Corumbá, na margem direita), pelo rio Paraguai, intitulado: “**Dificultades que al presente se ofrecen acerca del Viage de los PP. en balsas, por el Rio Paraguay arriba á los Itatinés, y de alli al parage del Pueblo nuevo de los Chiquitos**” (38). Ele tinha empreendido esta viagem levando os missionários para estas missões e voltou a meio caminho. Deve ter chegado a uma distância de 120 léguas de Assunção, ao chamado Pão de Açúcar. Nesse mesmo documento, o Padre aponta como principais impecilhos à realização dessa viagem, a distância, e os ataques dos indígenas e dos português:

“Primeramente que de la ciudad de la Asumpcion del Paraguay hasta los Itatinés, Taré y los cerros Ibitiriguas, anduvimos los seis P. P. en cinco balsas con 120 indios, 150 leguas, por linea recta, y por los rodeos del río, muchas mas, sin averia alguna, aunque en la mitad del camino encontramos al enemigo Payaguá, gente cobarde y muy medrosa: como 120 indios, esto es en cuanto al río, pero por la parte de tierra, desde el dia en que salimos del Paraguay, todos los dias nos fue como acompañando y costeando toda la fuerza del Guaycuru, Mbayás y sus aliados, sin perdermos de vista, hasta el remate de la jornada, encendiendo fuegos en frente de los ríos conocidos de nuestra banda, como son: Xexuy, Ipané, Pirai, Potii y Taré”.

---

(38). — Documento da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis n.º I, 29, 5, 89, Biblioteca Nacional, 1692, cópia, publicado em Jaime Cortesão, *Jesuítas e Bandeirantes no Itatim*, 1952, pág. 303 a 310.

Refere que pouco antes as investidas dos guaicurús aos povoados de Atira, Ypané e Guarambaré tinham obrigado a retirar estas missões de indígenas para região mais próxima de Vila Rica e protegida pelos espanhóis. Assinala que essa gente bárbara, guaicurus, paiaguás, vive de saquear as missões e as cidades próximas ao rio Paraguai. Realça o perigo dos ataques dos guaicurús e paiaguás, na viagem de Chiquitos a Assunção, pelo rio, e, diz, ainda no citado documento, que, por terra, tal caminho seria impratável:

*"es un camino horroroso de montes cerrados y de pantanos de á legua, de suerte que causa la muerte á quien lo trajina, como le sucedio al Padre Juan Agustin Contreras, y tembladores tales que hasta las cabalgaduras sueltas se sumen en ellos hasta las orejas".*

Outra dificuldade era a escolha do pôrto, no rio Paraguai, em que as balsas deveriam atracar, pois nessa época se ignorava em que altura da margem direita do rio estaria Chiquitos. Já se tinha perdido a lembrança do ponto exato em que saltara Nuflo de Chaves. Assinala o Padre Lascamburu que era muito provável que o Padre Arce se desencontrasse das balsas vindas de Assunção, pelo rio Paraguai, porque nem él nem seus espias poderiam se manter na margem, à espera das balsas, por causa dos ataques dos paiaguás.

Descreve também o Padre Lascamburu o desânimo reinante quanto a essa viagem, devido ao insucesso da expedição dos padres jesuítas que subiram em balsas o Paraguai, ao encontro do Padre Arce, e tiveram de regressar sem tê-lo podido achar.

Já analisamos as causas que impediram o Padre Arce de realizar a viagem de Santa Cruz às margens do Paraguai.

Por fim o Padre Lascamburu aponta (v. documento citado na nota 38) a demora da viagem:

*"era necesario para la partida y para recoger los bastimentos, y llamar los indios, quince dias; y desde aqui al Paraguay (Assunção) veine, y desde allí á los Itatinés (sul de Mato Grosso) al menos un mes".*

Reclama então do Padre Arce pedir que os jesuítas mandassem balsas das Missões Guarani às margens do Paraguai, na altura de Chiquitos, onde as esperaria, supondo que lá chegariam dentro de um mês.

Condena, também, a proposta do Padre Arce de trasladar os povoados indígenas de Nuestra Señora de la Fé y Santiago

para a região de Itatim, às margens do Paraguai, na altura do sudoeste do Mato Grosso atual. O Padre Lascamburu considera que a distância entre o Itatim e Chiquitos era demasiada para que estas missões pudessem se socorrer entre si e que as do Itatim estariam expostas a serem destruídas pelos guaicurus, como já ocorreu no passado, quando êsses povoados estavam localizados em Caaguazú e Aguaranambi.

Por fim, o Padre Lascamburu relembra o perigo dos ataques portuguêses rememorando, em especial, os assaltos a Ypané e Guarambaré quando estas reduções estavam situadas perto do Itatim.

Mostra que os indígenas de Nuestra Señora de la Fé e Santiago, informados pelos fugitivos tupis das razias dos portuguêses no sul mato-grossense, não concordariam em voltar ao Itatim.

Por fim conclui que esta viagem projetada pelo Padre Arce é prematura e sugere que:

"los mas acertado y lo mejor será que si el Pe. Arce quiere con sus Chiquitos esta comunicacion por el Paraguay, conquisten primero á los Guaycurus, Mbayás, Cuanás, Naparus, Lenguas, Peojos y otros que tienen por delante; y despues poco á poco se vengan allegando asi á los Itatinés á fundarse, como estos dos pueblos se fundaron allá, sin ayuda de otros. Y supuesto que aqui se ha escrito que los Chiquitos por si se han defendido de los Portugueses con cuanta mas facilidad podrán romper por los dichos Guaycurus y sus aliados; y despues de vencidas todas las dificultades de allí, se procurará ayudarles con vacas y cabalgaduras".

Em suma, todos os impecilhos apontados pelo Padre Lascamburu eram de caráter provisório, pois ele não nega as possibilidades de navegação pelo rio. A realização do projeto do Padre Arce dependia de:

- a) fundar um pôrto à margem direita do Paraguai, na altura de Chiquitos, região da atual Corumbá;
- b) fazer aliança ou dominar pela força ou conversão as duas principais tribos inimigas dos espanhóis, os guaicurus e os paiaguás, impedindo que elas se coligassem com os portuguêses;
- c) fortificar a região de Itatim (sudoeste do Mato Grosso), indispensável escala de viagem de Chiquitos a Assunção.

Vencidos êsses obstáculos, obter-se-iam as seguintes vantagens para os jesuítas: as missões ao norte, próximas de Itatim, e ao sul de Assunção; próximas do Paraguai, do Paraná e do

Uruguai poderiam se comunicar, facilitando a fiscalização das missões pelo Padre Provincial, permitindo que elas se socorressem mútuamente, quando faltassem alimentos em algumas delas ou quando fossem atacadas pelos indígenas ou portuguêses. Finalmente, poderiam exportar a herba mate para Potosi. A ocupação das margens do Paraguai libertaria Assunção dos ataques dos indígenas guaicurus, que chegavam, por vezes, aos arredores daquela capital.

Por outro lado, Santa Cruz de la Sierra teria novas perspectivas, convertendo-se em ponto de passagem dessa via comercial entre Assunção e Potosi.

Finalmente, para a Espanha seria de utilidade êsse caminho, pois contribuiria para assegurar a posse das regiões marginais do Alto e Médio Paraguai, o que representaria a conservação de tôda a rême fluvial do Prata nas suas mãos.

Para estabelecer a projetada comunicação o Padre Arce e seus sucessores precisariam, em primeiro lugar, desenvolver as missões de Chiquitos e começar a converter os indígenas ribeirinhos, mas, para a realização do plano seria também necessária a colaboração de Santa Cruz e Assunção, principalmente desta última, pois dela dependia fortificar e assegurar a posse do Itatim. A primeira parte dêsse programa, isto é, a colonização dos chiquitos pelos jesuítas, ponto de partida indispensável para a realização do projeto, realizou-se com grande rapidez, porém faltou o apôio de Santa Cruz e o de Assunção, como veremos.

Dentre os manuscritos da coleção Pedro de Angelis há uma certidão do governador da Província de Santa Cruz, Capitão Don Joseph Robledo, sobre as reduções de Chiquitos, por nós decifrada, que relata os progressos realizados até o ano de 1699, data do documento (39).

Comenta que os jesuítas

“andando por los montes a caza de Indios, como de fieras con indecibles trabajos tienen ya convertidos mas de tres mill de estos barbaros baptizados los mas de ellos, y reducidos a quattro pueblos de S. Francisco Xavier de los Piñocas, de S. Joseph de los Boxos, de S. Rafael de los Tabicas, y de S. Juan Baptista de los Xamanus, que distan desta ciudad de S. Lorenzo de Santa Cruz de quarenta hasta setenta leguas, y en ellos tienen levantadas Iglesias, conforme à su pobreza a las quales

(39). — Manuscrito da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, certidão do governador da Província de Santa Cruz sobre os processos das missões dos Chiquitos I, 29, 5, 90. Biblioteca Nacional, 1699, original.

acuden todos los dias a la enseñanza de la doctrina, y politica cristiana..." "Y para que todo lo dho conste de pedimento del Reverendo Pe. Gregorio Cabral de la Compañía de Jesus visitador de estas missiones di la presente certificacion en veinte dias del mes de Julio de mill y seiscientos, y noventa y nuebe años, por ante mí, a falta de Escrivano publico y real..." (40).

Inesperados ataques dos portuguêses às reduções dos chiriquitos puseram em evidência a necessidade de estabelecer comunicação com os povoados das margens do Paraguai (41). Estes índios conseguiram rechassar a primeira invasão, obrigando os portuguêses a se retirarem. No ano seguinte os portuguêses fizeram nova investida e levaram muitos cativos. Seguiram para a região dos piñocas e ofereceram a estes indígenas vantagens e regalias no Brasil para que lhes mostrassem o caminho para a redução de São Francisco Xavier. O Padre Arce, que nessa ocasião estava entre os chiriguanos, na redução de la Presentación no Guapay, atravessou mais uma

(40). — Certidão do governador de Santa Cruz sobre os progressos das missões de Chiquitos. Manuscrito da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 90. Biblioteca Nacional, 1699, original.

(41). — As datas dos ataques dos mamelucos a Chiquitos são incertas. A fonte mais próxima dos acontecimentos relatados é o Padre Juan Patricio Fernandez, *Relacion Histórial de los Indios que llaman Chiquitos*, 1726, capítulo V. Segundo Aloys e Augustin de Backer, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, 1892, v. 3, págs. 653 e 654, o Pe. Fernandez seria o Pe. Domingo Bandiera. O Pe. Fernandez refere-se a uma primeira incursão, seguida de outra, um ano depois, dirigida por Ferraez e, finalmente, a uma terceira que se unira aos fugitivos da bandeira de Ferraez. Não menciona datas, mas relata, no capítulo IV da obra acima citada, que o Pe. Arce fundara, em 1692, a missão de São Francisco Xavier, já existente na ocasião dos ataques.

O memorial do Padre Francisco Burges, Procurador geral da Província do Paraguai, de princípios do século XVIII (*Cartas Edificantes*, 1755, vol. VII, pág. 411) (I, 29, 5, 92. Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis. Biblioteca Nacional, s. d., cópia), não menciona a data da bandeira de Ferraez.

O Padre Charlevoix, *Historia del Paraguay*, 1913, vol. IV, pág. 177, afirma que a bandeira de Ferraez data de 1694. Astrain, *Historia de la Compañía de Jesus en la Asistencia de España*, 1920, vol. IV, pág. 707 e seguintes repete Charlevoix, Fernandez etc. As Cartas Anuas desse período não foram encontradas.

Afonso de E. Taunay, *História Geral das Bandeiras Paulistas*, 1930, Tomo VI, págs. 35 a 37, afirma que a bandeira de Ferraez ocorreu em 1691, interpretando o memorial do Padre Burges. Julga ainda que essa bandeira possa ser identificada com a de Manuel de Campos Bicudo ou com a de Jerônimo Ferraz e André de Frias que foram a essa região, baseado na semelhança do episódio da prisão de um Gabriel Antunes nessas expedições.

Francisco de Assis Carvalho Franco, *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*, 1954, págs. 32-33, também aceita a data de 1691 para a bandeira de Ferraez. Uma carta dos moradores de Santa Cruz de la Sierra, I, 28, 34, 10, da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis (Jaime Cortés, *Jesuitas e Bandeirantes no Itatim*, 1952), pede socorro ao governador do Paraguai porque correm rumores de um ataque dos portuguêses. Este documento é de 22 de maio de 1692.

vez o Chaco, até a redução de São Francisco Xavier, para avisar os índios do perigo que corriam, e daí partiu para Santa Cruz, em busca de reforços. O governador desta província organizou uma expedição militar reforçada pelos guerreiros chiquitos, e esta tropa foi acampar na margem do rio São Miguel ou Aperé, tendo sido previamente evacuada a redução de São Francisco Xavier (42).

O comandante mandou espías observar os inimigos. Os portuguêses enviaram uma carta ao Padre missionário, cujo texto, em espanhol, figura no acima mencionado memorial do Padre Burgés e na obra já referida de Charlevoix:

“Mi R. P. Aquí he llegado con dos banderas de soldados de mi nación. No traemos intento de hacer el menor daño, pues sólo venimos a buscar a algunos de los nuestros que se han refugiado en este país. Puede V. R. regresar a su aldea y traer todos sus neófios, que estarán en pleno seguridad. Ruego a Dios le guarde Antonio Ferraez (43).

As fôrças espanholas não se deixaram iludir com êsses têrmos cortezes, e deram combate aos intrusos. Morreram, no primeiro combate, Antônio de Ferraez e Manuel de Frias e os portuguêses bateram em retirada.

O memorial do Padre Burgés a que nos reportamos, explica que um dos três invasores que caiu nas mãos dos espanhóis descreveu o percurso realizado:

“que partió del Brasil con sus compañeros y que se pusieron en canoas sobre el Rio Añemby, que cae en el Rio Paraná, por la parte de Norte: que entrando luego en este Rio, y hallando la embocadura del rio Imunciná, que por la parte del sur se descarga en el otro, lo remontaron por ocho días, haciendo solamente media jornada hasta la ciudad de Xerez, que esta ahora arruinada: que en este parage dexaron las canoas en que habian ve-

(42). — Segundo Charlevoix, *História del Paraguai*, 1913, vol. IV, pág. 179, o grupo de espanhóis era de 130 soldados e o de chiquitos de 300. Segundo o memorial enviado ao Rei, pelo Padre Francisco Burges, Procurador Geral da Província do Paraguai, o número de espanhóis foi 30 e o de chiquitos 500. (Vide cópia manuscrita do memorial, por nós consultada, que se encontra na Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 92. Biblioteca Nacional, s. d., cópia, e nas *Cartas Edificantes*, 1751, Tomo VII, pág. 411), Afonso de E. Taunay, *História das Bandeiras Paulistas*, 1951, Tomo I, pág. 149, baseando-se no memorial do Padre Burges, relata que a fôrça espanhola era de 130 soldados auxiliados por 500 chiquitos.

(43). — Charlevoix, *História del Paraguai*, 1913, Tomo IV, pág. 180. A versão transcrita é a de Charlevoix que apresenta algumas variantes em relação a do memorial do Pe. Francisco Burges, ao Rei, Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 92. Biblioteca Nacional, s. d., cópia.

nido desde San Pablo, dexando una Escolta para guardarlas, y para sembrar, en orden à tener à su buelta alguna cosecha: que prosiguieron su viage à pie, y despues de doce medias jornadas en las hermosas campifias de Xerez, llegaron al Rio Boimbay, que se descarga al norte, en el Rio Paraguay: que construyeron otras canoas, para boxar por este Rio y sembraron granos para su buelta: que habiendo navegado por diez dias, llegaron al Rio Paraguay: que remaroon ocho dias contra su corriente, y llegaron à la entrada del Estanque Manioré, y que en un dia entero de viage tomaron tierra en el Puerto de los Indios Itatines, donde entraron sus canoas en un grande arenal para servirse de ellas en su buelta. Que luego continuaron su viage à pié, haciendo a los mas una ó dos leguas al dia, para tener el tiempo de correr por los montes a buscar víberes y llegar al sitio donde acampaban antes de medio dia”.

Vem, em seguida, uma descrição detalhada das etapas de viagem que durou 38 dias do pôrto dos Itatins (às margens do Paraguai), até a redução de São Francisco Xavier.

O Padre Burgés menciona outra tropa de sertanistas que tinha entrado por caminho diverso, na terra dos piñocas levando consigo 1.500 índios. Os da tropa ao saberem da derrota de Ferraez, se uniram aos fugitivos para tentar uma desforra, sendo, porém, derrotados e forçados a regressar apressadamente ao Brasil.

Tais expedições dos portuguêses à província dos chiquitos punham em evidência o perigo que representaria para as duas regiões (Chiquitos e Santa Cruz) se aqueles invasores conquistassem a bacia do Paraguai. Por outro lado, mostravam que o plano do Padre Arce era exequível, pois que o trajeto proposto pelo fundador das missões de Chiquitos era muito mais fácil do que o roteiro seguido pelos bandeirantes.

Além do mais, as desilusões dos jesuítas, nas suas missões entre os chiriguanos, ainda acentuavam a necessidade dessa comunicação fluvial, pois o caminho de Chiquitos, através do Chaco, até o Colégio jesuíta de Tarija, era impraticável durante a maior parte do ano. O caminho de Assunção a Tarija era fácil. Acresce que, nessa ocasião, os jesuítas já tinham uma base sólida nos chiquitos, dado o rápido progresso dessas missões. Tais fatôres levaram os jesuítas a tentar, novamente, executar o plano do Padre Arce.

Ao finalizar o ano de 1696, segundo Charlevoix (44), os Padres Hervas e Cea tinham terminado de organizar a redú-

(44). — Charlevoix, *Historia del Paraguay*, 1913, vol. IV, pág. 183.

ção de São Rafael, porém as pestes obrigaram-nos a transferir esta redução para as margens do Guabis, que se pensava fôsse desembocar no rio Paraguai (45). Esta localização obedeceu ao propósito de reencetar uma tentativa de navegação pelo Paraguai até Assunção.

O manuscrito por nós compulsado: *Diario de un viage emprendido en 1703 para descubrir una comunicacion entre las Misiones del Paraguay y las de Chiquitos* (46), nos informa sobre a tentativa dos Padres Hervas e Yegros de atingir o Paraguai. Em fins de maio de 1702 os Padres Francisco Hervas e Miguel de Yegros, missionários da província de Chiquitos, partiram da redução de San Rafael levando como guias ou "vaqueanos" quarenta índios, sem transportar provisões. Com êles ia um catecúmeno, de um povo ribeirinho do Paraguai, que se opusera a dar passagem aos jesuítas. Pensavam em servir-se dêsse neófito para entabolar negociações com a citada tribo.

Lê-se no documento acima citado:

"vencidas, pues, muchas dificultades y pasadas no pocas incomodidades, que se hicieron precisas por haber de caminar por espesos bosques y asperas montañas, pasar pantanos y lagunas, á mas del continuo temor y peligro de caer en manos de enemigos, llegaron a plantar la cruz en las riberas de un rio que juzgaron era el del Paraguay o à lo menos un brazo de el: en lo cual padecieron grande engaño, porque no era rio, sino, un gran lago, que iba á rematar en un espesísimo bosque de palmas".

O Padre Superior das Missões de Chiquitos, Joseph de Tolu, determinou que o Padre Hervas fôsse dar a notícia do redescobrimento do rio Paraguai, ao Provincial de Província do Paraguai, Padre Lauro Nuñez.

(45). — O rio Guabis ou Guavis aparece na Cartografia jesuítica do século XVIII, ou sem ligação com qualquer bacia hidrográfica ou se lançando no rio Paraguai. Na obra de Pedro Lozano, *Descripción Corográfica del Gran Chaco Gualamba*, 1941, mapa de 1733, o citado rio figura sem ser tributário de qualquer bacia. Em Guilhermo Furlong Cardiff, *Cartografía Jesuítica del Rio de la Plata*, 1936, vol. II, mapa n.º VIII, de 1722 e Barão do Rio Branco, *Questão de Limites Brasileiro-Argentina*, v. 6, 1894, n.º 2 A, o mesmo de 1722, o Guabis é representado desembocando no rio Paraguai. No Atlas de J. H. Johnson, *Philip's General Atlas*, 1858, o Guabis também aparece como afluente do Paraguai. Pela descrição feita pelos jesuítas e pela latitud e longitude de San Rafael, o Guabis parece ser o formador do atual Candelária.

(46). — *Diario de un viage emprendido en 1703, para descubrir una comunicacion entre las Misiones del Paraguay y las de Chiquitos*. Manuscrito da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 91. Biblioteca Nacional, 1703, cópia.

Logo que recebeu a sensacional nova o Padre Nuñez decidiu que se empreendesse a viagem partindo da província do Paraguai, rio acima, até chegar à província de Chiquitos.

Os Padres Bartolomé Ximenez, Juan Bautista de Cea, Joseph de Arce, Juan Bautista Neuman, Francisco Hervas, e o irmão coadjutor Silvestre Gonzalez foram escolhidos para realizar a decisiva viagem. Quatro manuscritos da coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, por nós decifrados, nos forneceram os pormenores dessa viagem (47).

O Padre Bartolomé Ximenez fôra designado Superior e os padres Juan Bautista Cea e o Padre Francisco Hervas, missionários da província de Chiquitos. O Padre Juan Bautista Neuman e o Irmão Silvestre Gonzalez deveriam regressar com as embarcações, depois do desembarque dos padres no pôrto dos chiquitos, que se pretendia descobrir. A expedição foi organizada nas missões jesuíticas do Paraná, sem auxílio algum das autoridades civis coloniais. Compunha-se a pequena frota de cinco balsas, construídas e doadas pelas "doutrinas" de Itapuá de Loreto, de la Candelária, de la Concepción; a quinta, pelas "doutrinas" de São Tomé e São Borja. Havia, também um barquinho da missão de São Cosme, além de duas piraguas e uma canoa.

A 10 de maio de 1703 partiu a frota do pôrto da Candelária, missão jesuítica da bacia do Paraná. Fêz escala em Atingui e Itati, onde os padres foram recebidos, a 27 de maio de 1703, pelo cura franciscano, Frei Gervásio.

De Itati as embarcações desceram o rio Paraná, e por êsse chegaram ao rio Paraguai, subindo até Assuncão, nela desembarcando a 22 de junho. Aí permaneceram sómente quatro dias, mas deixaram o Padre Joseph Arce, incumbido de providenciar mantimentos. O Padre Reitor do Colégio dos jesuítas

(47). — *Díario de un viaje emprendido en 1703 para descubrir una comunicación entre las Misiones del Paraguay y las de Chiquitos*, cópia sem assinatura. Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 91. Biblioteca Nacional, 1703, cópia. *Breve relación del viaje que hicieron por el Río Paraguay arriba — Padres y un Hermano el año 1703 por orden de N.º P. General — da autoría do Pe. Joseph Francisco de Arce*. Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 95. Biblioteca Nacional, 5 de abril de 1713, cópia incompleta, sem assinatura. *Carta do Padre Superior Bartolomé Ximenez ao Padre Provincial sobre unha viagem a Chiquitos*. Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis I, 29, 5, 97. Biblioteca Nacional, 1703, cópia. *Carta do Padre Superior Bartolomé Ximenez ao Provincial da Compañía no Uruguay criticando a viagem intentada em 1703*, o documento é assinado pelo Pe. Ximenez. Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 97. Biblioteca Nacional, janeiro de 1704, cópia? O Padre Juan Patricio Fernandez. *Relacion Histórial de las misiones de los indios que llaman Chiquitos*, 1726, pág. 149 e seguintes, relata essa viagem baseado na carta do Padre Ximenez que não é porém mencionada no terço.

de Assunção tinha adquirido de Don Francisco de Bergara, uma barca de maior porte, para transportar a carga de 3.000 arrôbas de grãos, destinada ao consumo durante a viagem.

O Padre Ximenez, que chefiava a expedição, informa em sua carta (48) que o governador de Assunção em nada contribuiu para a realização da viagem, criando mesmo embaraços.

Corria o boato, em Assunção, de que essa viagem era uma emprésa militar, integrada por 2.000 índios armados e 20 balsas, o que era considerada perigosa pelos colonos de Assunção que sempre alegavam ter medo de uma sublevação indígena. O Padre Superior insinua que os moradores de Assunção influíram para que alguns índios desertassem (49).

A 3 de julho o Padre Arce, partindo na barca dos mantimentos encontrou, a pouca distância de Assunção, o barquinho da missão de São Cosme o qual vinha informá-lo dum ataque dos paiaguás, ocorrido a 40 léguas acima de Assunção. Vários índios das missões tinham morrido e cogitava-se da possibilidade da frota regressar a Assunção.

No pôrto de Arecutaquá, onde a barca chegara a 12 de julho, reuniu-se toda a frota para debater o assunto. O Padre Ximenez, no documento acima referido, diz que voltou a Assunção, de acordo com o parecer da maioria, para consultar o Padre Reitor sobre a necessidade de empreender a viagem em barcos apropriados, pois as balsas eram desprotegidas, ficando os tripulantes expostos às setas dos paiaguás. Segundo o Padre Arce (50), houve uma consulta sobre a conveniência de prosseguir a viagem e a maioria foi a favor de continuar rio acima, até Chiquitos; porém o Padre Superior Ximenez, não se conformando com essa decisão, resolvera conferenciar com o Padre Reitor para ver se conseguia fazer prevalecer o seu ponto de vista de regressar a Assunção.

Finalmente o Padre Ximenez retornou à Arecutaquá e deu ordem de prosseguir a viagem, tendo antes desfeito a balsa em que ia e se transferido para a barca maior, pilotada pelo Alferes Bernardo Fernandez. Devem ter partido desse pôrto a 22 de julho. A certa distância de Arecutaquá uma canoa tendo nove índios desertou, aproveitando-se de um temporal. Essa ocor-

(48). — Carta do Padre Superior Bartolomé Ximenez ao Padre Provincial, sobre uma viagem aos Chiquitos. Manuscritos da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 57. Biblioteca Nacional, 1703, cópia.

(49). — Carta do Pe. Ximenez ao Padre Superior, sobre uma viagem aos Chiquitos. Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis I, 29, 5, 97. Biblioteca Nacional, 1703, cópia.

(50). — Breve Relación de viage a los Chiquitos. Padre Joseph Arce. Manuscrito da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 95. Biblioteca Nacional, de abril de 1713, cópia.

rência retardou a viagem, pois as outras embarcações ficaram três dias à espera da canoa supostamente perdida. A 7 de agosto chegou a pequena frota ao pôrto em que o rio Xexuy desagua no Paraguai. Antes dos ataques dos mamelucos essa era uma região de grande cultivo de herva-mate e aí estavam localizados os, outrora prósperos, povoados de Maracayu, Terecani e Candelária.

A 19 de agosto os índios guaranis, integrantes da expedição, destroem uma aldeia paiaguá. A 27 de agosto a frota atinge Caaguasú; a 31 já ultrapassava a foz do Tepotii, a 4 de setembro avistava o Pão de Açúcar, a 6 atingia a primeira bôca do Mboimboy, a 22 passava em frente às montanhas de Cunhayegua e Itó, às margens do Paraguai. O Padre Arce afirma que Cunhayegu é o nome dado pelos índios itatins ao antigo pôrto de Candelária. Nesse ponto havia uma passagem natural que fôra utilizada pelo Padre Romero. Segundo o Padre Arce, cinco léguas acima ficava situado o pôrto de São Fernando ou Tobati, em frente à ilha em que Domingo Martinez de Irala fôra atacado pelos paiaguás. O pôrto de São Fernando fôra atingido ainda em 22 de setembro. A 26 deparava com a bôca do Mandiiyi que tem suas cabeceiras perto de São José de Chiquitos. Pouco acima, cai em frente da segunda bôca dêsse rio, a foz principal do Mbovevei ou Mbotetey. Abaixo da primeira bôca do Mbotetey ou Miranda estava situado o segundo passo dos portuguêses. As margens do Mbotetey, deve ter acampado Pascoal Moreira Cabral, descobridor das minas de Cuiabá. Mais tarde êste rio serviu de meio de comunicação entre São Paulo e Mato Grosso. Quatro léguas acima ficava a segunda bôca do Mbotetey. O ponto final foi a famosa lagoa dos Xaraiés. Esta, na realidade, era uma região alagadiça, devido ao transbordamento do Paraguai; estendia-se da foz do Jaurú, afluente do Paraguai, até Fêcho dos Morros. Nessa época pensava-se que a lagoa dos Xaraiés fôsse a origem do Paraguai (51). Marginaram a lagoa de Manioré, tendo os indígenas sugerido que por aí se tentasse abrir caminho por terra até os Chiquitos, alvitre recusado pelo Padre Superior. A 31 de outubro a expedição acampou na lagoa dos Xaraiés, em frente à ilha dos Orejones, e é então organizada a busca à famosa cruz fincada em 1702 pelos Padres Francisco Hervas e Miguel de Yegros, às margens de um rio, que supuseram ser o Paraguai.

As fôrças são divididas em três tropas de 14 índios cada, destinando-se a explorar por terra a região. Uma sobe pela

(51). — Com a finalidade de facilitar as localidades referidas nesses documentos, reproduzimos, neste nosso trabalho, mapas da bacia do Paraguai.

margem do rio, em direção ao norte, outra segue para o sul, enquanto que a terceira parte para o ocidente. A primeira tropa trouxe a notícia de ter encontrado um rio que talvez fosse o Guabis, a cujas margens estava San Rafael. Logo os Padres Arce e Hervas foram ao local, verificando, porém, que era um braço do Paraguai. A segunda "partida" ou grupo encontrou uma lagoa que, de início, acreditou fosse o tão procurado rio. A terceira achou uma trilha que os índios informaram ser de portuguêses (52).

A 7 de dezembro o Padre Superior fez uma consulta sobre a decisão a tomar quanto ao retorno da frota, pois tinha receio de ficar pela vassante do Paraguai. Segundo a *Breve Relacion de un viage a Chiquitos*, da autoria do Padre Arce (53), a maioria dos votos foi a favor de que a frota regressasse com o Padre Neuman e o Irmão Silvestre, deixando, entretanto, nos Xaraiés, a barca com os jesuítas destinados a Chiquitos. Porém, o Padre Superior discorda da maioria. Resolveu que todos regressassem. O plano dos padres era acampar em Xaraiés, fazer sementeiras e, na próxima enchente, procurar a cruz.

O Padre Superior Ximenez comenta o fato. Relata que depois dêle ter tomado a resolução de regressar:

"me propusieron los tres Pe. Joseph de Arce, Juan Baptista Cea, y Fran.co Herbás les diesse licencia para irse a los Chiquitos por tierra avriendo camino, con solos los 3 indios Chiquitos, que trajo el Pe. Fran.co y este en circunst.as, que no sabiam donde estabamos, ni aquāta dist.a, de los Chiquitos, ni tenian índio practico, ni en tierra, ni en Rio se reconocia señal alg.a de Sierra o Monte q.e pudiese servir de guia p.a avrir camino ni quien lo pudiese avrir" (54).

O Padre Ximenez critica acerbamente essa proposta dos três padres, insinuando mesmo que só insistiam para ficar porque estavam envergonhados de não encontrar o caminho para Chiquitos, emprêsa que eles tinham declarado ser fácil. Pela narrativa do Padre Arce, todos queriam ficar, até o Pa-

(52). — A carta do Padre Superior Bartholome Ximenez ao Padre Provincial contém a descrição dessa busca e se encontra na Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 97. Biblioteca Nacional, 1703, cópia.

(53). — *Breve Relacion de un viage a los Chiquitos do Padre Joseph Arce*. Manuscrito da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 95. Biblioteca Nacional, 5 de abril de 1713, cópia.

(54). — *Carta do Padre Superior Bartolomé Ximenez ao Padre Provincial criticando a viagem a Chiquitos*. Manuscrito da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 97. Biblioteca Nacional, janeiro de 1704, cópia?

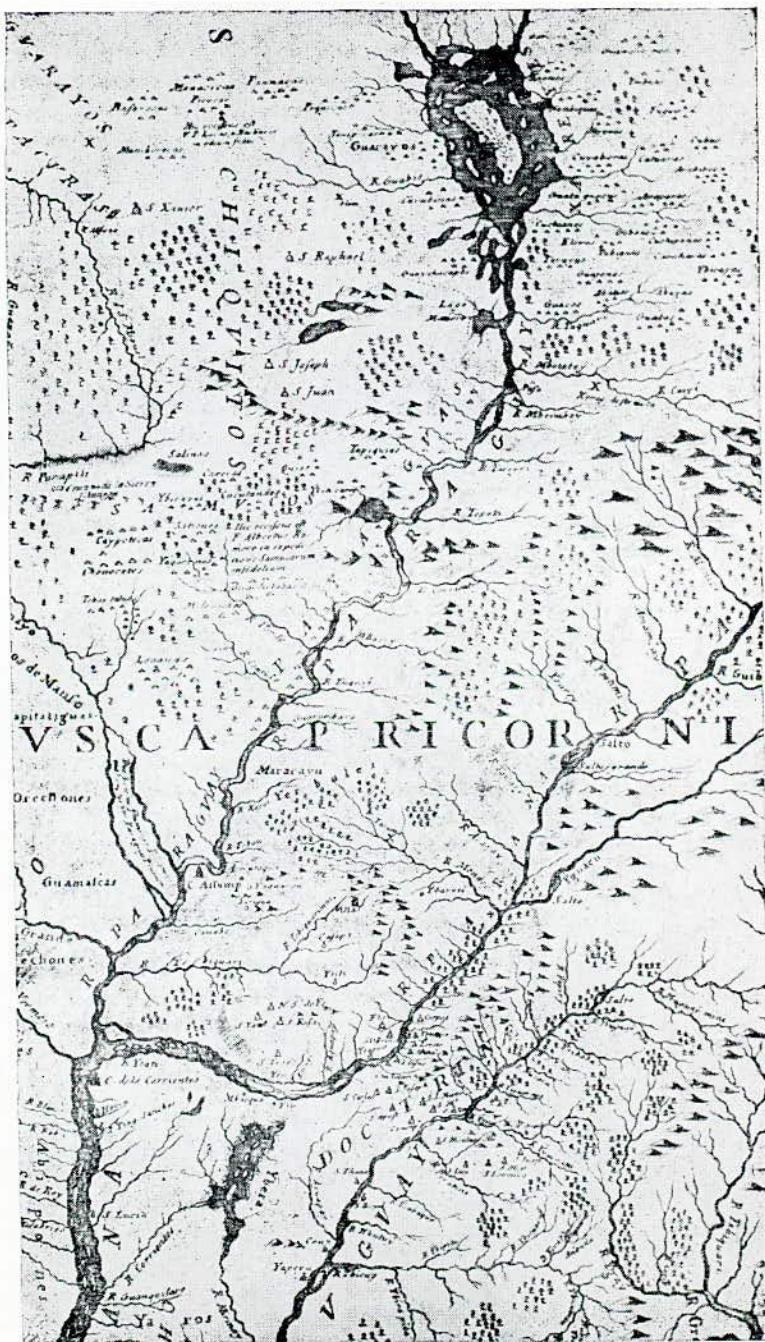


Fig. 3. — Pormenor do segundo mapa do Paraguai.

dre Neuman e o Irmão Silvestre (55). Na viagem de regresso, encetada a 12 de dezembro, os padres receberam uma visita dos caciques paiaguás, do curso médio do Paraguai, que se mostraram desejosos de se converter. Os caciques paiaguás,

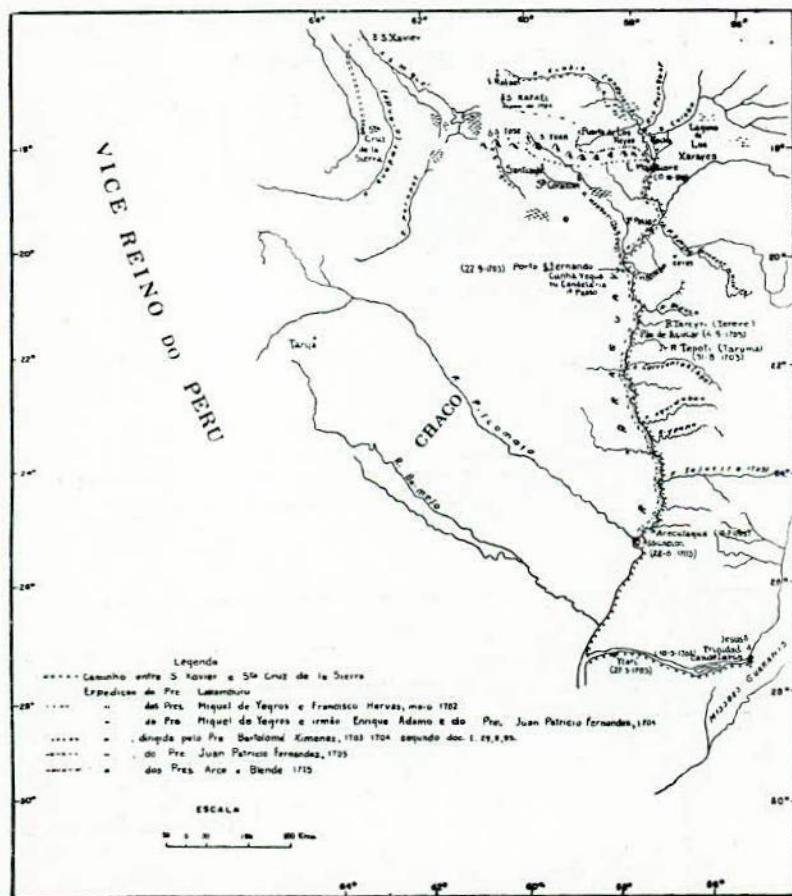


Fig. 4. — Mapa das diversas expedições jesuíticas.

Yarechacu e Arapichiri parecem ter solicitado a proteção dos jesuítas, movidos pelo receio que tinham dos portugueses. Entregaram aos padres alguns indígenas, para depois servirem de

(55). — Breve Relacion de un viaje a Chiquitos do Padre Joseph Arce. Manuscrito da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 95. Biblioteca Nacional, 5 de abril de 1713, cópia.

intérpretes; mandaram que umas canoas os acompanhassem e fôssem pescando para os expedicionários. Os paiaguás de uma dessas barcas prestaram-se a servir de intermediários entre os jesuítas e o cacique paiaguá Yacayra, da região do baixo Paraguai, cujos súditos atacaram os indígenas das missões, na via-

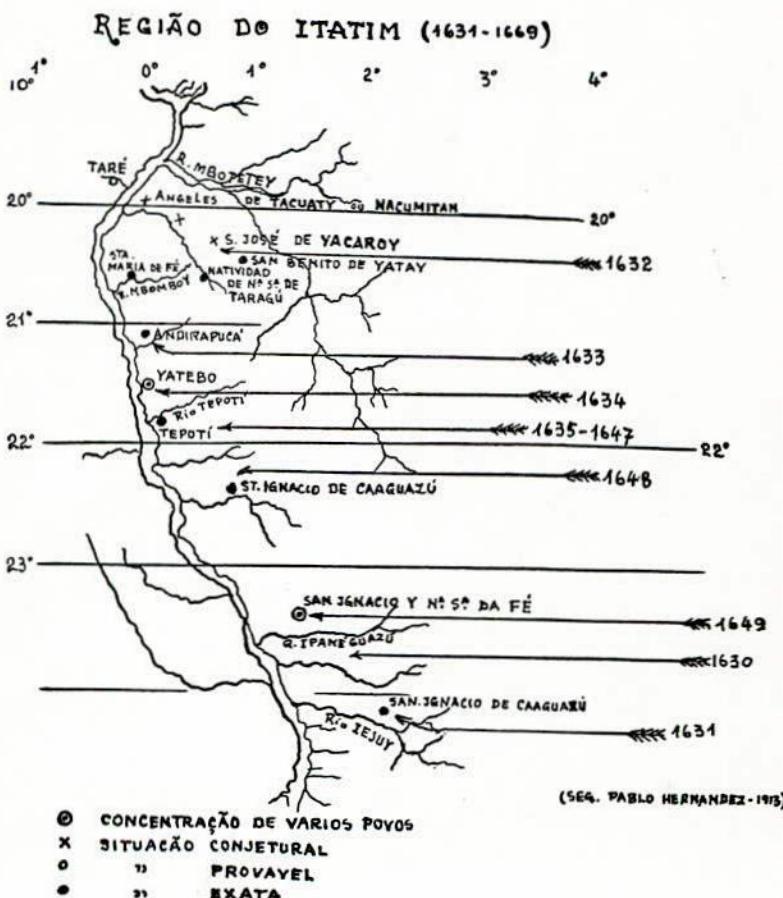


Fig. 5. — Região do Itatim (1631-1669).

gem rio acima. Yacayra procurou as embarcações dos jesuítas e concordou em aceitar a religião católica. Entregou mesmo um prisioneiro espanhol aos padres. A 4 de janeiro chegaram a Assunção três barcos que foram na frente levando o Padre Neu-

man, gravemente enfermo. A 7 de janeiro chegou o restante da frota. Os jesuítas foram recebidos pela aristocracia local e pelas autoridades com manifestações de apreço, pois grande era o interesse em torno das notícias sobre as possibilidades de relações amistosas com os paiaguás:

“Fuimos recibidos del S.or Gov.or y de los mas graduado de la ciudad que llegaron hasta el desembarque de la Playa, movidos de la novedad à ya corria del rescate de los cautivos y amistad de los Payaguas” (56).

O Padre Ximenez condenou, desde o início, a viagem que ele considerava impraticável e de pouca utilidade, como se deduz de sua carta acima citada.

Os obstáculos que aponta à realização do plano para ligar Chiquitos a Assunção, e, através desta cidade, ao Paraguai e Uruguai por um lado e a Tucumán por outro, eram verídicos, mas não pareciam intransponíveis aos seus companheiros de viagem. Aponta como principais dificuldades as seguintes:

a) ataques dos portuguêses, dos paiaguás e dos guaicurús. Os paiaguás eram magníficos canoeiros e os guaicurús aguerridos cavaleiros e, quando se coligavam, destruiam as frotas espanholas e as portuguêssas.

b) a necessidade de empregar barcos apropriados, portanto caros, adequados, à defesa de possíveis ataques.

c) a distância excessiva entre Assunção e a lagoa dos Xaraiés.

d) a dificuldade de calcular a chegada da frcta àquela lagoa, na época favorável à navegação.

e) o desconhecimento da situação exata do rio Guabis, se era realmente afluente do Paraguai e se dava calado para embarcações do porte das que deviam ser usadas na navegação neste rio.

f) o possível desaparecimento da cruz, marco colocado pelos Padres Francisco Hervas e Miguel de Yegros, pois segundo informações que colhera dos índios, fôra derrubada pelos paiaguás. Para demonstrar que era inútil abrir êsse caminho, afirmava que era mais longo do que as estradas terrestres, já existentes, e mais arriscado.

Os obstáculos apontados pelo Padre Superior Ximenez eram todos superáveis, desde que houvesse certo capital para realizar a empresa. A viagem pelo Paraguai até à altura de Chiquitos,

(56). — *Carta do Padre Superior Bartolomé Ximenez ao Padre Provincial. Manuscrito da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 97, 1703, cópia?*

e, por terra, das margens do Paraguai a essas missões, era realizável, pois os portuguêses a fizeram. Portanto, o fato do Guabis ser ou não ser afluente do Paraguai e da cruz ter desaparecido, não impedia a realização do plano já que por terra a distância entre o rio Paraguai e as primeiras missões de Chiquitos era pequena. Além disso a qualquer momento poderiam fundar um pôrto em Chiquitos, junto ao rio. Aliás o Paraguai é favorável à navegação, sobretudo até a latitude de Corumbá e a margem direita, nessa altura, é transitável devido às serras de San José. O único obstáculo era a necessidade de um capital inicial, relativamente grande, para construir embarcações mais sólidas e melhor armadas. Outros financiamentos eram necessários para organizar uma expedição em Chiquitos, melhor preparada que a dos padres Hervas e Yegros que partiram à procura do Paraguai

“sin otra provision que la confianza en Dios, y fiados en la protecion del reino del cielo y de los arcangeles San Miguel y San Rafael” (57).

Quanto à utilidade do caminho, do ponto de vista missionário, era grande, pois facilitaria a conversão de novas tribos infieis que seriam protegidas do escravizador português. Também encurtaria o caminho entre as missões do alto Paraguai e as do curso médio dêsse rio e do Prata e seus afluentes, assim como a comunicação com Tarija, que se fazia habitualmente, contornando o Chaco. Permitiria ainda a exportação de herba-mate do Paraguai para Potosí, por rota mais curta e econômica. A falta de convicção do Padre Superior Ximenez na utilidade da emprésa parece ter influído no fracasso dessa tentativa de reabrir o caminho de Nuflo de Chaves; porém, o motivo principal foi, provavelmente, a falta de recursos para aparelhar a expedição.

O próprio Padre Ximenez confessa que os piaiguás já não eram tão temíveis como antigamente, porque essas tribos vinham diminuindo constantemente devido às investidas dos portuguêses e às pestes.

Os missionários de Chiquitos não se desesperançaram de realizar o plano do Padre Arce. Um documento autógrafo do Padre Juan Patrício Fernandez, autor de **La Relacion Historial de los Chiquitos**, que encontramos na coleção de manuscritos

(57). — *Diarrio de un viage a los Chiquitos en 1703; sem assinatura. Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 91. Biblioteca Nacional, 1703, cópia de Pedro de Angelis.*

de Pedro de Angelis (58), descreve a tentativa de abrir o tão desejado caminho.

Dessa vez deram início à emprésa em Chiquitos, por ordem do Padre visitador Joseph de Castañeda. San Rafael foi o ponto de concentração das fôrças que aí se juntaram em 12 de outubro de 1704. O Padre Miguel de Yegros e o Irmão Enrique Adamo deveriam dirigir a expedição. Os quatro povoados de São Rafael, São Joseph, São Juan e Concepcion forneceram 80 indios além dos indígenas de outras tribos (zarabés e coes) práticos em fabricar canoas. Os chiquitos não sabiam construir embarcações. A 18 de outubro partiram o Padre Miguel de Yegros e o Irmão coadjutor. O Padre Juan Patrício Fernandez, autor da Narrativa, só saiu de São Rafael no dia 24, levando os abastecimentos. Três dias depois encontrava-se com o grosso das tropas. O Padre Fernandez relata pormenorizadamente a fuga das mulas, assustadas por um tigre. Desde a saída de San Rafael foram marginando o rio Guabis. Após 15 dias de marcha, abandonaram a margem do Guabis e infletiram para o sul. Ao cabo de um dia e meio chegaram ao local até onde tinha ido o Padre Tolu, em 1703, a fim de esperar a frota que subiu o rio Paraguai sob a direção do Padre Ximenez. Dirigiram-se para o Oriente, mas esbarraram com um grande pântano contornado por uma trilha de índios, que os jesuítas foram seguindo, ficando um braço de água à esquerda. Tendo caminhado mais 9 léguas atingiram uma laguna, onde encontraram uma parte dos índios que tinham ido na frente (59).

*"Grande fue la alegría de todos por parecernos, que aviamos dado ya con el río Paraguai, que juzgábamos hacia este recodo: porque el olaje grande, que hacia con el viento levante, no nos dio lugar a ver su remate (como lo vimos a la buelta, que no tenía salida) y así con mucho sentimiento de no hallar aquí madera para las canoas, partimos a buscar el monte de la Cruz del Pe. Herbaz".*

Logo se desencantaram ao verificar que o suposto braço era outra lagoa sem comunicação com o Paraguai.

No dia 26, mais de um mês depois do dia da partida de San Rafael, tomaram uma trilha que os levou às margens de uma laguna onde estava situada a famosa cruz do Padre Herbas, que tanto tinha sido procurada pelos expedicionários de 1703, na lagoa dos Xaraiés. Costearam a laguna, em direção ao

(58). — *Relacion de un viage al Rio Paraguay 1705*, do Pe. Juan Patricio Fernandez. Documento da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 99. Biblioteca Nacional, 3 de fevereiro de 1705, original, autógrafo.

(59). — Vide nota 45.

oriente e, meia légua depois, encontraram o seu término. Desiludidos, os padres resolveram se dirigir ao sul, até os povoados dos guarayos, à procura do rio. O Padre Juan Patrício Fernandez (60) comenta que o fato do Padre Hervas ter encontrado no local da cruz vestígios de portuguêses, não era prova de que aquela lagoa comunicasse com o rio Paraguai:

“porque dexando sus canoas muy lexos, se entran a pie la tierra a dentro a buscar todos los escondrijos en busca de Indios y estos seran por ventura los que hizieron aqui canoas en algun tiempo, como lo hemos visto en otras lagunas para pescar, y coger caymanes, y despues las dexan, y se van por otros parages”.

Sempre em direção ao sul, encontraram um pântano e mais duas lagoas, em terras dos guarayos, apesar de ser a época das secas. Os indígenas construiram canoas para explorar a última dessas três lagoas. Verificando que não se tratava de um braço do Paraguai, continuaram em direção ao sul, por terra, contornando umas montanhas. Nesse percurso faltou-lhes água para beber e, por fim, encontraram nova laguna. Quando os índios tabicas, taus, zarabes e coes se certificaram de que não se tratava ainda do Paraguai, desertaram. Os índios piñocas e jamaras permaneceram com os padres, porém não conheciam a região, pois viviam mais retirados terra a dentro, e os guias tinham fugido. Diante disso o Padre Juan Patrício Fernandez resolveu regressar, a 3 de janeiro de 1705. Calculou que do ponto a que tinha chegado até São Rafael haveria 80 léguas; gastou 25 dias para perfazer esse caminho, chegando a San Rafael a 29 de janeiro de 1705.

Apesar dos expedicionários não terem atingido o seu objetivo imediato, que era encontrar as margens do Paraguai, chegaram a uma série de conclusões que permitiram encontrar um caminho, mais tarde.

Verificaram que o rio Guabis, a cujas margens estava São Rafael, não era favorável como meio de comunicação com o Paraguai, os arrieiros que prosseguiram pelo curso do Guabis em direção ao oriente, em busca das mulas perdidas, viram que ele desembocava num pântano. Assim foi eliminado um dos erros que prejudicaram a expedição de 1703. Chegaram também à conclusão que, de San Rafael em direção a leste não havia rio que se pudesse aproveitar para navegar até o Paraguai, e que

(60). — *Relacion de un viage al rio Paraguay* do Pe. Juan Patrício Fernandez. Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 99. Biblioteca Nacional, 3 de fevereiro de 1705, original, autógrafo.

o caminho era difícil por causa dos pântanos e lagunas. Portanto, deduziram que a melhor solução seria abrir caminho por terra, mais ao sul partindo de San Rafael ou de outra missão, para encontrar o rio Paraguai na zona das serras de San José e Santiago, região menos pantanosa e de mais fácil acesso. O Padre Juan Patrício Fernandez assim se expressa:

“o queda otro remedio, que embestir por Santa Cruz la vieja por el camino de los Portugueses, quando vinieron el año de 96 à dar en los Penoquis. Los Indios Xamaros y Pinocas q.do nos despedimos dixeron, que no avian de parar hasta dar con el rio (Paraguai) y buscar este camino: para que acabadas las aguas podamos bolver a hazer las balsas en tiempo mas oportuno...” (61).

Fica portanto muito simplificado, a partir de 1705, o problema de abrir a comunicação de Chiquitos com Assunção e, daí, com os povoados das margens do Uruguai, Paraná e Prata, por um lado, e Tarija, pelo outro. A solução era contornar o pântano, pelo sul, e construir um pôrto, mais abaixo do que fora previsto, primitivamente.

A partir dessa época, as missões de Chiquitos se estendem a outras tribos vizinhas, para o norte, graças à iniciativa do Padre Lucas Cavallero, que é assassinado pelos puizocas, e, para o sul, em direção ao Chaco, devido aos esforços do Padre Yegros e do Irmão Alberto Romero.

As expedições ao sul da província de Chiquitos, entre os zamucos, atendem ao objetivo de catequece, mas, também, ao de encontrar uma região favorável para abrir o caminho terrestre, ligando Chiquitos ao rio Paraguai (62).

O Padre Provincial do Paraguai determinou que o incansável Padre Arce dirigesse mais uma expedição, de Assunção a Chiquitos, pelo Paraguai. Segundo Charlevoix, o Padre Blende, que estava nessa ocasião trabalhando numa missão do Paraná, foi incumbido de seguir até Assunção com 60 guaranis, para se juntar à expedição. O Reitor do Colégio jesuítico de Assunção já contratara uma barca e duas chalupas. De acordo com Charlevoix, partiram os dois padres, de Assunção, a 24 de julho de 1715 e gastaram seis meses para chegar à lagoa de Manioré (63). Os ventos contrários impediram que as embarcações pudessesem atingir a margem setentrional da lagoa, onde

(61). — *Relacion de un viage al rio Paraguay do Padre Juan P. Fernandez*, da Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 99. Biblioteca Nacional, 3 de fevereiro de 1705, original, autógrafo.

(62). — *As Cartas Edificantes*, 1756, vol. XV, da pág. 28 à pág. 83, tratam por menoradamente desse assunto.

(63). — Charlevoix, *Historia del Paraguay*, 1916, vol. IV, pág. 324 e seguintes.

o Padre Fernandez pusera uma cruz, além de outros marcos, indicando o caminho que abrira, da missão de São José até essa suposta lagoa. Acima, portanto, do Passo Grande e do Mbotetey (64). O Padre Arce decidiu desembarcar na margem ocidental da lagoa, deixando o Padre Blende, quinze guaranis e dois espanhóis guardando a barca e chalupas. Mais de dois meses gastou o Padre Arce, percorrendo essa região sul da província de Chiquitos, até ser encontrado pelo Padre Provincial que o levou para São Rafael. Após se refazer das incríveis fadigas da viagem, retorna o Padre Arce às margens do rio Paraguai, seguindo vereda mais curta e melhor, indicada pelos índios da região. Chegando ao local onde deixara o Padre Blende não o encontrou, nem vestígios da barca. Pela versão do Padre Jacobo de Hace, o Padre Roca, Vice-Provincial do Paraguai, viera pelo caminho usual do Perú até Chiquitos, a fim de aí se encontrar com o Padre Arce e regressarem juntos, pelo rio, a Assunção. Quando o Padre Roca, desanimado de esperar o Padre Arce em Chiquitos, já estava de volta a Santa Cruz, recebera notícias daquele missionário. Voltara a Chiquitos, mas nessa ocasião já o Padre Arce resolvera fazer uma balsa para descer o rio com alguns índios, supondo que o Padre Blende estivesse regressando na barca a Assunção, sem tê-lo esperado.

O Padre Arce teria mandado um recado, por um mensageiro, ao Padre Roca, para que o ficasse esperando em São Rafael. De acordo com a mesma fonte de informação (65) os paiaguás assaltaram a barca, matando os seus defensores, exceto o Padre Blende, um neófito paiaguá e um espanhol. Dentro em pouco os paiaguás, aborrecidos com as prédicas do jesuíta e do neófito, mataram-nos cruelmente. Mais detalhes sobre esse episódio se encontram num manuscrito da coleção de Pedro de Angelis (66).

(64). — Pe. Juan Patricio Fernandez, *Relacion Historial de las Misiones de los indios que llaman Chiquitos*, 1726, págs. 176 e 177, 182, 324, menciona uma expedição sua, em companhia do Pe. Juan Bautista Xandra, levando guias guaraios e índios de San Juan e San José. Partiu em agosto de 1705 e atingiu o rio Paraguai, na altura da chamada laguna de Manioré. Contornou as montanhas e seguiu pelos bosques (vide mapa). O Pe. Phelipe Suarez tentou, sem sucesso, seguir o mesmo caminho em 1707. Segundo Fernandez os sinais deixados indicavam o caminho para San Rafael, segundo Charlevoix, *Historia del Paraguay*, 1916, vol. IV, pág. 324 e seguintes, o caminho para San José. Qualquer que tenha sido a intenção inicial do Padre Arce, ele foi de Manioré a San Rafael (vide mapa).

(65). — *Carta do Padre Jacobo Hace ao Provincial de Flandres*. Buenos Aires, 1718. *Cartas Edificantes*, 1755, vol. IX, pág. 206 e seguintes.

(66). — *Adicion al viaje que hicieron por el río Paraguay a los Chiquitos en que se refiere en breve resumen las muertes de los Padres, según noticias adquiridas de los Payaguas*. Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 96. Biblioteca Nacional, s. d., cópia.

O Padre Superior do Paraguai mandou fazer um inquérito sobre a morte dos Padres Arce e Blende, entre os paiaguás, submetidos pelo governador do Paraguai, Don Diego de los Reyes Balmaseda, e confiados aos jesuítas. Esses infieis, já convertidos, contaram que:

“aviendo desamparado el barco el Pe. Arze, quando salió en demanda de los Pueblos de los Chíquitos, y llevando en su compañía los principales yndios que traxeron defíras doctrinas para su resguardo, con las mas y mejores bocas de fuego que tenían: yendo también con el Padre el Piloto del barco llamado Mariano...” “...Quedando solo para el resguardo del barco el Pe. Blendez con un español anciano tío del Piloto Mariano y pocos yndios mal armados...” (67)

foram atacados pelo cacique paiaguá Quati que preservou, por algum tempo, a vida do Padre Blende e a de um neófito, por ter grande afeição pelo padre.

Porém, na primeira ocasião em que o cacique se afastou os paiaguás mataram o padre e o neófito. Os paiaguás supunham que o Padre Arce deveria ter morrido no alto Paraguai, pois não atingira a região habitada por essa tribo, mais próxima de Assunção. Segundo o Padre Fernandez, os fatos se passaram de forma ligeiramente diferente (68). O Padre Blende teria sido assassinado juntamente com os demais ocupantes da barca; há, também, outras pequenas variantes. O ponto essencial é que o caminho estava finalmente aberto. O Padre Arce viera de Assunção a Chiquitos pelo rio Paraguai, e por uma trilha terrestre, das margens do rio a São Rafael.

A significação da abertura desse caminho para os jesuítas fica patente se observarmos o itinerário que Sourriellère de Souillac percorreu para viajar de Chiquitos a Buenos Aires. Foi de Chiquitos a Santa Cruz de la Sierra, daí se dirigiu para oeste, subiu a cordilheira, para atingir o planalto Andino. Passou por Potosí e Chuquisaca ou la Plata, situadas no planalto, e daí tomou a direção leste seguindo o caminho das postas de Tucumán até Buenos Aires. As vicissitudes por que passou o famoso astrônomo, em princípios do século XIX, nos fazem imaginar quais seriam os sacrifícios de semelhante percurso, no século XVIII. Por esse motivo, raramente eram visitadas

(67). — *Adición al viage que hizieron por el río Paraguay a los Chiquitos en que se refieren las muertes de los Padres.* Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 96. Biblioteca Nacional, s. d., cópia.

(68). — Juan P. Fernandez, *Relacion Historial de los Indios que llaman Chiquitos.* 1726, pág. 312 à pág. 332.

as missões de Chiquitos, pelo Provincial. O percurso entre Santa Cruz de la Sierra, próximo de Chiquitos, e Buenos Aires, passando pelo Alto Perú, era de 706 léguas (69). Pelo novo caminho essa distância ficaria grandemente encurtada.

Seria natural que o caminho fluvial do Paraguai, aberto com tantos sacrifícios, fôsse produzir os resultados que dêle se esperavam, porém, em 1717 o caminho é fechado, por determinação régia, após consulta à Audiência de la Plata. Essa medida fôra solicitada pelo Cabildo de Santa Cruz de la Sierra (70). A decisão do governo deve ter surpreendido os jesuítas, pois, em 1703, êles exibiram Cédula Régia a favor da abertura do caminho, quando o governador de Assunção quis criar embaraços à partida da frota. Focalizamos essas narrativas com a finalidade de analisar os fatores que contribuiram para tal reviravolta na atitude do governo.

(Continua no próximo número).

**EULÁLIA MARIA LAHMEYER LOBO**

Livre-docente de História Americana da Faculdade Nacional  
de Filosofia.

(69). — *Itinerario que comienza desde la ciudad de Santa Cruz de la Sierra pasando por la Cordillera propriamente dicha por los pueblos de aquellas misiones, por el curato del Sauce, por la villa de la laguna hasta la ciudad de Chuquisaca y desde dicha ciudad por el camino real de las Postas hasta la capital de Buenos Aires*, da autoria de Sourrièr de Souillac, 1802. Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 6, 40. Biblioteca Nacional, 14 de julho de 1802 cópia.

(70). — *Royal Provisão de la Audiencia de la Plata mandando cerrar el camino y comercio entre las misiones de Chiquitos y las del Paraguay*. Coleção de Manuscritos de Pedro de Angelis, I, 29, 5, 104. Biblioteca Nacional, 1717, cópia.